

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

LUCIANA SCHERMA CARVALHO

**COESÃO: UM RECURSO QUE CONDUZ À COERÊNCIA TEXTUAL**

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO

2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

LUCIANA SCHERMA CARVALHO

**COESÃO: UM RECURSO QUE CONDUZ À COERÊNCIA TEXTUAL**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa, sob a orientação do Professor Doutor João Hilton Sayeg de Siqueira

SÃO PAULO

2019

## **RESUMO**

O presente trabalho tem por escopo a coesão como um recurso sintático-semântico de estreita relação com a coerência dos textos escritos. Esse estudo, que se encontra embasado nas concepções da Linguística Textual, objetiva evidenciar o significativo valor dos procedimentos e recursos da coesão como promotores da continuidade e dos efeitos de sentido de um texto. Para a obtenção do propósito definido, optou-se pelo método de revisão bibliográfica, com maior foco nas teorias de Fávero (1998), Koch (1997, 1999, 2004), Koch e Elias (2008) e Antunes (2005, 2010). A análise sustentou-se nas proposições desses teóricos e teve como corpus dois gêneros textuais distintos: uma crônica de Rubem Braga e uma notícia do jornal Folha de S. Paulo, objetos estes que viabilizaram a conclusão de que o domínio dos aspectos linguísticos é um dos preceitos da competência textual.

Palavras-chave: Coerência. Coesão. Competência Textual. Continuidade. Escritos. Textos.

## **ABSTRACT**

The present study aims to cohesion as a syntactic-semantic resource closely related to the coherence of written texts. This study, which is based on the concepts of Textual Linguistics, aims to highlight the significant value of cohesion procedures and resources as promoters of the continuity and the meaning effects of a text. To achieve the defined purpose, the method of bibliographical revision, with greater focus on Fávero (1998), Koch (1997, 1999, 2004), Koch and Elias (2008) and Antunes (2005, 2010) theories was chosen. The analysis was based on the propositions of these theorists and had as corpus two different textual genres: a chronic written by Rubem Braga and a news article from Folha de S. Paulo newspaper, objects that enabled the conclusion that the mastery of linguistic aspects is one of the precepts of textual competence.

Key Words: Coherence. Cohesion. Continuity. Textual Competence. Texts. Writings.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Propriedades da coesão do texto: relações, procedimentos e recursos .	16
Figura 2 – Exemplificação de associação .....	18
Figura 3 – Literatura em quadrinhos, um suporte para a coesão .....	19
Figura 4 – Relações textuais e seus respectivos procedimentos .....	20
Figura 5 – Poema “Letras louvando Pelé”, de Carlos Drummond de Andrade .....	22
Figura 6 – Fábula de Millôr Fernandes .....	25

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	6
2. Referencial teórico.....	8
2.1 O conceito de linguística textual .....	8
2.2 Texto e contexto: percursos de leitura .....	10
2.3 Coesão textual: conceito .....	14
2.3.1 Coesão textual: como acontece .....	16
2.3.2 Procedimentos e recursos da reiteração .....	20
2.3.3 Procedimentos e recursos da associação semântica .....	27
2.3.4 Procedimentos e recursos da conexão .....	29
2.4 Coerência textual .....	35
3. Análise do Corpus .....	38
4. Considerações Finais .....	48
5. Referências Bibliográficas .....	50
Anexos .....	52

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo Savioli e Fiorin (2006, p.15), “texto é um tecido, uma estrutura construída de tal modo que as frases não têm significado autônomo: num texto, o sentido de uma frase é dado pela correlação que ela mantém com as demais”.

É nesse contexto que o presente trabalho propõe-se a analisar o conceito de coesão como recurso que conduz à coerência textual na escrita.

Há situações em que, no processo comunicativo, um emissor (esteja ele inserido em qualquer ambiente de comunicação, isto é, desde um cenário de escolarização até um contexto profissional) pode revelar uma discrepância entre o que pretende efetuar como registro de informação e aquilo que realmente o faz, resultado este que se deve às fragilidades aparentes na superficialidade do texto decorrentes do mau uso dos recursos linguísticos. “Todo texto possui uma pequena superfície exposta”, sendo nessa área que os chamados erros de estruturação de palavras e frases acontecem (KOCH, 1997, p.25).

O que distingue um texto de um amontoado de palavras ou frases sem nexo é a relação entre suas partes. Se houver uma continuidade, evento possível graças aos recursos coesivos, acontecerá o discurso<sup>1</sup> e, por conseguinte, a interação entre interlocutores decorrente de um conteúdo semântico compreensível.

É preciso considerar que o processo de leitura, ou seja, a recepção de um enunciado<sup>2</sup>, não é um procedimento passivo. Na perspectiva de Koch e Elias (2008), os significados contidos no texto são construídos num movimento que envolve tanto o leitor como o autor. Entende-se, portanto, que o leitor, para uma significativa leitura, precisa captar não só o explícito na superfície textual, mas também o implícito, os subentendidos, os pressupostos. E estes, na ótica de Savioli e Fiorin (2006), são marcados, nas frases, por meio de vários indicadores linguísticos, o que acorda com a importância dessa pesquisa, pois, mesmo não sendo os únicos

---

<sup>1</sup> O discurso é visto como qualquer atividade produtora de efeitos de sentido entre interlocutores, portanto qualquer atividade comunicativa (não apenas no sentido de transmissão de informação, mas também no sentido de interação), englobando os enunciados produzidos pelos interlocutores e o processo de sua enunciação, que é regulado por uma exterioridade sócio-histórica e ideológica que determina as regularidades linguísticas e seu uso, sua função (TRAVAGLIA, 2009).

<sup>2</sup> O termo enunciação refere-se à atividade social e interacional por meio da qual a língua é colocada em funcionamento por um enunciador (aquele que fala ou escreve), tendo em vista um enunciatário (aquele para quem se fala ou se escreve). O produto da enunciação é chamado enunciado. No campo dos estudos da linguagem, assim como tantas outras noções, a de enunciação apresenta variações na forma como é definida, conforme a abordagem teórica em que seja tomada (MARCUSCHI, 2008).

promulgadores do processo de interpretação, os elementos da superfície textual, quando muito bem usados, encaminham a um desfecho semântico assertivo.

O estudo sobre a coesão não é amplamente tratado pelas gramáticas e, quando abordado, não há um consenso entre autores.

Em virtude dos comprometimentos textuais que costumam ser percebidos em diferentes cenários de escrita, essa pesquisa é pertinente por destacar que uma análise linguística é favorável à compreensão de elementos do texto que se articulam para a estruturação das ideias de forma coesa e coerente. Uma competência linguística precisa ser assegurada a qualquer pessoa, de maneira que esta possa defender seus pontos de vista. De acordo com Antunes (2010, p.30) sempre “recorremos a um texto quando temos alguma pretensão comunicativa e a queremos expressar”.

Conforme explana Antunes (2010, p.49), “analisar um texto é descobrir o conjunto de suas regularidades, daquilo que costuma ocorrer na sua produção e circulação, apesar da imensa diversidade de gêneros, propósitos, formatos, suportes em que eles podem acontecer”. E isso permite a construção de modelos, o que, conseqüentemente, amplia a competência linguística.

Entendendo-se que os gêneros textuais são a portabilidade para que ocorra a interação comunicativa, torna-se relevante adotar exemplares de gêneros como corpus para este estudo. Para tanto, foram selecionados dois materiais de avaliação: uma crônica de Rubem Braga (representação do viés literário) e uma notícia da Folha de S. Paulo – cuja valência é a informação. A escolha por textos voltados a diferentes aspectos e propósitos é decorrente da necessidade de demonstrar que, independente do gênero, há que construir a textualidade para uma efetiva comunicação.

Neste trabalho, adotou-se como método de pesquisa a revisão bibliográfica, cuja base teórica fundamenta-se em estudiosos como Antunes (2005, 2010), Fávero (1998), Garcia (2010), Koch (1997,1999, 2004), Koch e Elias (2008), Marcuschi (2008), Travaglia (2009) e Savioli e Fiorin (2006).

Para a averiguação do corpus, buscou-se apoio complementar no modelo apresentado por Antunes (2010) em sua obra “Análise de textos: fundamentos e práticas”, sobretudo no nível dos fatos gramaticais voltados para a coesão.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento deste trabalho, faz-se necessária, mesmo que breve, uma contextualização dos estudos sobre Linguística do Texto - âmbito em que o entendimento da coesão acontece - e das respectivas definições de texto e contexto.

Até chegar ao corpus e às análises deste, um percurso teórico abordará a coesão: definição e mecanismos, e uma concisa exposição do conceito de coerência.

### 2.1 O CONCEITO DE LINGUÍSTICA TEXTUAL

Antes de ser estabelecido o conceito de Linguística textual, operou-se um longínquo curso temporal e exploratório. Segundo Marcuschi (2008), a Linguística é oriunda da Índia, onde se iniciou com Panini num viés religioso e não científico há mais de 2.500 anos.

De acordo com o autor acima citado, no século XIX, já no contexto da Linguística Histórica, algumas posturas teóricas defendiam reflexões acerca da língua<sup>3</sup> como instituição social de totalidade organizada e sistema autônomo de significação. Defendia-se a visão de que a língua deveria ser estudada em si e por si mesma. A partir do século XX, nomes como Saussure, Bloomfield e Chomsky atuaram sob diferentes perspectivas: a formalista - que entende a língua como um sistema estruturado antecedente ao uso - e a funcionalista, para a qual os atos de fala<sup>4</sup> e o contexto são determinantes.

A partir dos anos 1950-1960, surgem as tendências genitivas, ou seja, de abordagem interdisciplinar. É nesse cenário que aparece a Linguística Textual.

Na década de 60, ela surgiu na Europa, mais precisamente na Alemanha. Nesse contexto das ascensões linguísticas, nomes como Beaugrande e Dressler,

---

<sup>3</sup> A língua pode ser vista de vários ângulos teóricos. De acordo com as diferentes posições existentes, pode-se ver a língua: a) como forma ou estrutura – um sistema de regras que defende a autonomia do sistema diante das condições de produção (posição assumida pela visão formalista); b) como instrumento – transmissor de informações, sistema de codificação; aqui se usa a metáfora do conduto (posição assumida pela teoria da comunicação); c) como atividade cognitiva – ato de criação e expressão do pensamento típica da espécie humana (representada pelo cognitivismo); d) como atividade sociointerativa situada – a perspectiva sociointeracionista relaciona os aspectos históricos e discursivos. (MARCUSCHI 2008).

<sup>4</sup> De acordo com Koch (2008), a Teoria dos Atos de Fala nasceu no interior da Filosofia Analítica de Oxford, depois foi apropriada pela Linguística de cunho pragmático. Teve como pioneiro o inglês John Austin, seguido por Searle, Strawson e outros. Esses estudiosos postularam que a língua é uma forma de ação dotada de intencionalidade, ou seja, que “todo dizer é um fazer”, e se dedicaram ao estudo dos tipos de ações que podem ser realizadas através da linguagem, isto é, os atos de fala, os atos de linguagem e os atos de discurso.

Van Dijk, Schmidt e outros ganham destaque e abordam novas maneiras de trabalhar o texto.

Se antes desse acontecimento via-se a frase como objeto de estudo, depois dele, passou-se a estudar o texto numa perspectiva interacionista<sup>5</sup>.

No entanto, as abordagens foram gradativas, ou seja, num primeiro momento, procurou-se

descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados ou sequências de enunciados, alguns deles, inclusive, semelhantes aos que já haviam sido estudados no nível da frase. Este é o momento a que se denomina “análise transfrástica”, no qual não se faz, ainda, distinção nítida entre fenômenos ligados uns à coesão, outros à coerência do texto (KOCH, 2004, p.8).

É nos anos 70 que o texto começa a ser tomado como unidade básica de sentido. No entanto, mesmo com o interesse voltado para o todo significativo, apenas na década de 80 é que essa corrente linguística adquire destaque em decorrência de ser o contexto histórico no qual as Teorias do Texto ganham corpo. Koch (2004, p.11) salienta que “o texto é a unidade básica de manifestação da linguagem”.

Estudar o texto nesse momento significa voltar-se para uma estrutura dotada de sentido e propósitos definidos. Para a autora citada acima, a Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num universo de ações humanas. Diante disso, consolida-se a ideia de que a compreensibilidade do texto requer uma postura interdisciplinar, visto que diferentes campos que organizam o objeto de estudo dessa linguística são considerados.

Como significativas vertentes da linguística voltada para o texto, Koch (2004) apresenta, entre outras, as teorias de Beaugrande e Dressler (cuja direção de análise são os padrões da textualidade e do processamento cognitivo do texto) e Schmidt, para quem o texto tem um potencial ilocucionário reconhecível. A estudiosa faz também menção a linguistas franceses de renome nessa área da linguística, como Charolles, Combettes, Vigner e Adam.

---

<sup>5</sup> A concepção interacionista vê a linguagem como uma forma ou processo de interação. Nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor) (TRAVAGLIA, 2009).

Para focar pontos convergentes às diversas correntes da Linguística Textual, Koch (2004) lembra Marcuschi, que apresenta uma definição provisória:

Proponho que se veja a Linguística do Texto, mesmo que provisória e genericamente, como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível dos constituintes linguísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações a nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão e, por outro, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear, portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas (MARCUSCHI, 1986, apud KOCH, 2004, p.8).

Então, em consonância com as conquistas na área da Linguística Textual, esta passa a se ocupar de pesquisas sobre os elementos da textualidade, em outras palavras, daquilo que realmente faz com que um texto o seja.

## 2.2 TEXTO E CONTEXTO: PERCURSOS DE LEITURA

O conceito de texto pode variar de acordo com as teorias adotadas. As primeiras definições foram: unidade linguística (do sistema) superior à frase; sucessão ou combinação de frases; cadeia de pronominalizações ininterruptas; cadeia de isotopias; complexo de proposições semânticas. As definições posteriores, sob influência da pragmática<sup>6</sup>, viram-no,

pelas teorias acionais, como uma sequência de atos de fala; pelas vertentes cognitivistas, como fenômeno primariamente psíquico, resultado, portanto, de processos mentais, e pela teoria verbal como parte de atividades mais globais de comunicação, que ultrapassam os limites do texto em si (KOCH 1997, p.25-26).

Segundo Marcuschi (2008), a comunicação linguística não acontece por meio de unidades isoladas, tais como fonemas, morfemas ou palavras soltas, mas se efetua em algo maior: o texto, “[...] um evento comunicativo em que convergem

---

<sup>6</sup> A pragmática é o estudo da língua não como um sistema autônomo, mas por meio de funcionamento em situações concretas de uso. Sob essa perspectiva, o texto passa a ser visto como um local de interação entre sujeitos sociais (KOCH e ELIAS, 2008).

ações linguísticas, sociais e cognitivas” (BEAUGRANDE, 1997, apud MARCUSCHI, 2008, p. 72).

O texto é um evento predestinado a interlocutores, trata-se, então, de uma unidade comunicativa e de sentido realizada tanto no nível do uso como no do sistema.

A concepção de que um texto tem uma textura e é isso que o distingue de um não texto pela relação semântica da coesão é de Halliday e Hasan (1976) apud Fávero (1998, p.8).

À vista disso, não é possível que a organização do texto seja aleatória do ponto de vista linguístico, nem que essas operações sejam os únicos aspectos considerados, pois, de acordo com a visão sociointerativa, o texto “acha-se construído na perspectiva da enunciação” (MARCUSCHI, 2008, p.77).

De acordo com o autor acima referido, a respeito de uma análise interdisciplinar, notam-se as seguintes implicações:

- o texto é visto como um sistema de conexões entre vários elementos, tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações, etc.
- o texto é construído numa orientação de multissistemas, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não linguísticos no seu processamento (imagem, música) e o texto se torna em geral multimodal;
- o texto é um evento interativo e não se dá como um artefato monológico e solitário, sendo sempre um processo e uma coprodução (coautorias em vários níveis);
- o texto compõem-se de elementos que são multifuncionais sob vários aspectos, tais como: um som, uma palavra, uma significação, uma instrução etc. e deve ser processado com esta multifuncionalidade (MARCUSCHI, 2008, p.80).

Como explana Marcuschi (2008), um texto é tido como tal por meio da discursividade, inteligibilidade e articulação que ele oferece.

Referindo-se ao texto, é necessário também abordar o conceito de textualidade, ou seja, tudo aquilo que faz de um texto um todo significativo.

Antunes (2010, p.29) chama de textualidade “a característica estrutural das atividades sociocomunicativas (e, portanto, também linguísticas) executadas entre os parceiros da comunicação”.

Beaugrande e Dressler (1981) apud Koch e Elias (2008) apontam como fatores da textualidade coesão e coerência, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade<sup>7</sup>.

É pertinente, mediante o curso deste trabalho, que se estabeleça uma rápida relação entre texto, discurso e gênero; não sendo atraente, porém, uma distinção drástica entre texto e discurso, visto que ambos se completam.

Vale salientar que o primeiro representa a configuração. O segundo, a enunciação (MARCUSCHI, 2008).

Em outros termos, o conceito de texto está atrelado a uma materialização linguística verbal ou não; o discurso transcende o texto, representa ideologias e está na esfera das atividades sociais.

Enquanto o texto é tido como concreto, o discurso não é palpável, ele atua como um suporte abstrato dos textos aparentes em sociedade, tendo a intenção de concatenar enunciador e enunciatário, permitindo a interpretação por meio de marcas espalhadas ao longo de um texto.

As ideologias inerentes a uma organização social estão representadas no discurso por uma série de construções imaginárias aptas a designar o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente.

Entre texto e discurso, o gênero é aquele que condiciona a atividade enunciativa.

Os gêneros textuais permeiam a vida diária. Marcuschi (2008) menciona a tese de que é impossível a comunicação verbal sem a implicação de um gênero, o qual é determinado por padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos efetuados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

O mesmo autor ainda pontua que os gêneros textuais se interpenetram para constituírem outros conforme as necessidades e intenções de comunicação do ser humano, e sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surgem e circulam.

Feitas as associações entre texto, discurso e gênero, é momento de abordar o conceito de contexto, uma fonte de sentido. Antes, porém, é relevante uma explanação acerca dos perfis de leitura. Para isso, focar-se-á a concepção

---

<sup>7</sup> Os conceitos serão discutidos no item 2.4 deste trabalho.

interacional (dialógica) da língua, na qual “os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto” (KOCH e ELIAS, 2008, p.10).

Nessa linha, o leitor enquanto construtor de sentido adota estratégias de leitura, tais como seleção, antecipação, inferências e verificação. É por meio de seus objetivos e conhecimento sobre o assunto que esse leitor processa, critica, contradiz ou avalia a informação que tem diante de si.

Em virtude das diferentes ativações: lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade, conhecimentos textuais, ocorridas no processo de leitura é que se “fala de um sentido para o texto e não do sentido” (KOCH e ELIAS, 2008, p.19).

Alguns fatores influenciam na compreensão da leitura. Na relação autor/leitor, relevam-se as circunstâncias em que o texto é escrito. Há também os que estão relacionados à legibilidade, podendo ser materiais, linguísticos ou de conteúdo.

Para as autoras, no processamento textual recorre-se a três grandes sistemas de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico e o interacional.

Respectivamente, o primeiro está para o domínio gramatical e lexical; o segundo, para repertório de mundo; o terceiro engloba os conhecimentos ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural<sup>8</sup>.

Todos esses conhecimentos, adquiridos em vivências e por determinação sociocultural, a princípio são individuais, mas depois se tornam comuns aos membros de uma comunidade, constituindo o contexto.

A Linguística Textual se ocupa de estudar o contexto, que é apontado como um construtor do sentido (KOCH e ELIAS, 2008).

Nos primórdios dessa Linguística, a fase transfrástica delegava ao contexto um papel menos ativo, pois estava no próprio texto a identidade de sentido.

Com o avançar das linhas investigativas, consolidou-se como determinante o envolvimento do contexto sociocognitivo, ou seja, para que haja entendimento entre os interlocutores, o repertório destes precisa ser semelhante. As condições externas ao texto, agora, têm performance de grande relevância.

---

<sup>8</sup> Conhecimento ilocucional permite o reconhecimento dos propósitos pretendidos pelo produtor do texto no processo de interação; por conhecimento comunicacional entende-se toda a exigência de informação necessária para um dado contexto comunicativo; o metacomunicativo são as ações linguísticas empregadas pelo produtor do texto para se fazer entender; o superestrutural refere-se à distinção quanto a sequências e organizações dos vários gêneros e seus propósitos (KOCH e ELIAS, 2008).

O contexto é, para Koch e Elias (2008), um conjunto de suposições baseadas nos saberes dos interlocutores, mobilizados para a interpretação de um texto.

Ainda na ótica das mesmas autoras, o contexto desfaz ambiguidades, preenche lacunas textuais, altera informações e promove justificativas.

Como complementa Marcuschi (2008), para entender ou produzir um texto, há que considerar um número de fatores.

Segundo esse autor, “o contexto pode ser visto como uma rede de textos que dialogam tanto de modo negociado como conflituoso. Contrato e conflito fazem parte dos movimentos de produção de sentido” (MARCUSCHI, 2008, p.87).

### 2.3 COESÃO TEXTUAL: CONCEITO

Não há um consenso sobre o conceito de coesão, um dos fatores da textualidade.

Alguns autores a diferenciam de coerência, outro fator de textualidade; outros não o fazem.

Torna-se pertinente, então, uma exposição de opiniões acerca da coesão: tema que norteia este trabalho.

Para Halliday e Hasan (1976) apud Fávero (1998, p.9), a coesão é entendida como

um conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto; assim, a interpretação de um elemento depende da interpretação de outro. O sistema lingüístico está organizado em três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico ortográfico (expressão). Os significados estão codificados como formas e estas, realizadas como expressões. Desse modo, a coesão é obtida parcialmente através da gramática e parcialmente através do léxico.

A autora menciona também que Halliday e Hasan reconhecem a necessidade de a coesão ser complementada pela noção de registro, entendido como

uma série de configurações semânticas que estão associadas a classes específicas de contextos de situação e que definem a substância do texto: o que ele significa no sentido mais amplo, incluindo todos os componentes de seu significado social, expressivo, comunicativo, representacional etc. (HALLIDAY e HASAN, 1976, apud FÁVERO, 1998, p.9).

Beaugrande e Dressler (1981) apud Fávero (1998, p.10), distinguem coesão e coerência, pontuando que

a coesão, manifestada no nível microtextual, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligados entre si dentro de uma seqüência. A coerência, por sua vez, manifestada em grande parte macrotextualmente, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações subjacentes ao texto de superfície, se unem numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante. Assim a coerência é o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários e não mero traço dos textos.

Outro olhar a respeito desse assunto é de Marcuschi (2008, p.99), para quem “os processos de coesão dão conta da estruturação da seqüência (superfície) do texto (seja por recursos cognitivos ou referenciais); não são simplesmente princípios sintáticos. Constituem os padrões formais para transmitir conhecimento e sentido”.

O autor, assim como Beaugrande e Dressler, diferencia coesão e coerência, mas não delega aquela apenas ao campo da sintaxe.

No entendimento de Koch (1999), coesão textual diz respeito a todos os processos de sequenciação que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual.

Quanto a Savioli e Fiorin, estes esclarecem que

um texto tem coesão quando seus vários enunciados estão organicamente articulados entre si, quando há concatenação entre eles. A coesão de um texto, isto é, a conexão entre os vários enunciados obviamente não é fruto do acaso, mas das relações de sentido que existem entre eles. Essas relações de sentido são manifestadas sobretudo por certa categoria de palavras, as quais são chamadas *conectivos* ou *elementos de coesão*. Sua função no texto é exatamente a de pôr em evidência as várias relações de sentido que existem entre os enunciados (SAVIOLI e FIORIN, 2006, p.271).

Antunes (2005) afirma que os interlocutores reconhecem como texto aquilo que apresenta algum tipo de continuidade. “E coesão é essa propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática” (ANTUNES, 2005, p.47).

Segundo Antunes (2005), essas ligações não ocorrem somente na superfície do texto, indicam também conceitos subjacentes. Para a estudiosa,

quando pretendemos que nossos textos sejam coesos, pretendemos que seja preservada sua continuidade, a seqüência interligada de suas partes, para que se efetive a unidade do sentido e das intenções de nossa interação verbal. Para que, afinal, possamos nos fazer entender com sucesso (ANTUNES, 2005, p.49).

Destarte, segundo os princípios de Antunes (2005), a coesão se faz por uma rede de relações de natureza semântica formadas no texto, as chamadas relações textuais.

### 2.3.1 COESÃO TEXTUAL: COMO ACONTECE

Nesta seção, contemplar-se-á em maior foco a concepção de Antunes (2005). Como recurso comparativo, serão expostos alguns pareceres de Fávero (1998), Koch (1999), Koch e Elias (2008) e Garcia (2009).

Os meios para que ocorra a coesão textual estão representados na Figura 1, segundo a referência de Antunes (2005, p.51).

Figura 1 – Propriedades da coesão do texto: relações, procedimentos e recursos

A COESÃO DO TEXTO	<i>Relações textuais</i> (Campo 1)	<i>Procedimentos</i> (Campo 2)	<i>Recursos</i> (Campo 3)		
	1. REITERAÇÃO	1.1. Repetição	1.1.1. Paráfrase		
			1.1.2. Paralelismo		
			1.1.3. Repetição propriamente dita	<ul style="list-style-type: none"> <li>• de unidades do léxico</li> <li>• de unidades da gramática</li> </ul>	
		1.2. Substituição	1.2.1. Substituição gramatical	Retomada <sup>1</sup> por: <ul style="list-style-type: none"> <li>• pronomes</li> <li>• dvérbios</li> </ul>	
			1.2.2. Substituição lexical	retomada por: <ul style="list-style-type: none"> <li>• sinônimos</li> <li>• hiperônimos</li> <li>• caracterizadores situacionais</li> </ul>	
			1.2.3. Elipse	retomada <ul style="list-style-type: none"> <li>• elipse</li> </ul>	
	2. ASSOCIAÇÃO	2.1. Seleção lexical	Seleção de palavras semanticamente próximas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• por antônimos</li> <li>• por diferentes modos de relações de parte/todo</li> </ul>	
	3. CONEXÃO	3.1. Estabelecimento de relações sintáctico-semânticas entre termos, orações, períodos parágrafos e blocos supraparágraficos	Uso de diferentes conectores	<ul style="list-style-type: none"> <li>• preposições</li> <li>• conjunções</li> <li>• advérbios</li> <li>• e respectivas locuções</li> </ul>	

Fonte: Antunes, 2010.

A autora cita os conceitos de *reiteração*, *associação* e *conexão* como responsáveis pela continuidade semântica no texto.

Entende-se por reiteração os movimentos de retomada ocorridos na evolução de um texto.

“Cada vez que substituímos uma expressão por um pronome ou por um sinônimo, por exemplo, ou que repetimos uma palavra, estamos reiterando, promovendo a continuidade do texto, sua sequência, sua coesão”, afirma Antunes (2005, p.53).

[...] A Lei de Biossegurança autorizou as pesquisas com células-tronco embrionárias no Brasil. Elas são uma aposta da ciência para a descoberta de novos tratamentos para doenças ainda sem cura. A lei é contestada por uma Adin (Ação Direta de Inconstitucionalidade), que provocou o STF para que defina “constitucionalmente o momento inicial do início da vida humana” (DINIZ, 2008, p.55).

Lê-se no primeiro período do texto acima o termo ‘células-tronco embrionárias’, o qual, por meio de reiteração, é retomado no início do segundo período pelo pronome pessoal ‘Elas’.

Quanto à associação, esta é uma

relação que se cria no texto graças à ligação de sentido entre as diversas palavras presentes. Palavras de um mesmo campo semântico ou de campos semânticos afins criam e sinalizam esse tipo de relação. Por ela é que, mais amplamente, nenhuma palavra fica solta no texto. Existe sempre, por mais tênue que seja, alguma ligação semântica entre as palavras de um texto. Não podia ser diferente, uma vez que todo texto é necessariamente marcado por uma unidade temática [...] (ANTUNES, 2005, p.55).

A associação ocorre pela contiguidade semântica entre as palavras, as quais, por relações meronímicas, estabelecem movimentos de complementação, isto é, uma palavra pode conter um traço significativo de outra e, quando todas estão inseridas em uma organização maior: o texto, aproximam-se e compõem a unidade.

No parágrafo inicial da Figura 2, ocorre a relação por associação entre as palavras *ópera*, *drama lírico*, *atos*, *solistas*, *coro*, *orquestra*, *voz*, *cantores*, *tenores*, *barítonos*, *contraltos* e *sopranos*. Esses termos fazem parte de um mesmo cenário de significação, ou seja, a ópera, para que se concretize, requer o envolvimento de todos os elementos que a configuram como tal. São, portanto, palavras de campos semânticos afins capazes de manter o viés temático e o perfil de continuidade de um texto.

Figura 2 – Exemplificação de associação

**O guarani, de Carlos Gomes**

A **ópera** é um drama lírico constituído de um ou mais atos. É apresentada no palco por solistas e coro, geralmente acompanhados por orquestra. Dependendo do tipo de voz, os cantores são classificados, em geral, como tenores, barítonos, contraltos ou sopranos.

A ópera *O guarani* foi composta por **Carlos Gomes**, inspirada na obra homônima de José de Alencar que narra o amor entre Peri (indígena) e Ceci (branca, de origem europeia).

Conta-se que, enquanto tomava café em Milão (Itália), Carlos Gomes ouviu um vendedor de livros anunciando: “*Il Guarany, Il Guarany, storia di selvaggi del Brasile!*”. O músico brasileiro comprou o romance e, com base no enredo, compôs a ópera, que foi um grande sucesso de crítica e de público na Itália. Essa ópera popularizou as personagens Ceci e Peri, que são considerados, no Brasil, símbolos do amor romântico: como Romeu e Julieta, de William Shakespeare.

Um trecho da ópera *O guarani* abre, desde 1938, o programa de rádio *A hora do Brasil* (atualmente com o nome de *A voz do Brasil*), transmitido para todo o país em caráter oficial, divulgando notícias dos três poderes da República.



Fonte: Sette et al, 2013.

Koch e Elias (2008) chamam de anáfora associativa a introdução de um referente novo que pode ser considerado parte de outro já mencionado. Esse comportamento está evidente em “A fazenda estava abandonada. Dava para ver o pasto e as lavouras dominadas pelo mato, a porteira derrubada e o velho casarão em ruínas. Nada lembrava a fartura e a riqueza dos bons tempos.”

O termo *fazenda* estabelece, por associação, uma relação de sentido com *pasto*, *lavouras*, *mato*, *porteira* e *casarão*, visto que o substantivo *fazenda* comporta todos os nomes que foram associados a ele nesse trecho. Trata-se, pois, do mesmo processo construtivo abordado no excerto comentado da Figura 2.

Para Koch e Elias (2008),

referentes já existentes podem ser, a qualquer momento, modificados ou expandidos, de modo que, durante o processo de compreensão, vai-se criando na memória do leitor ou do ouvinte uma representação extremamente complexa, pelo acréscimo sucessivo de novas categorizações e/ou avaliações acerca do referente (KOCK e ELIAS, 2008, p.126).

Outro construtor da relação textual é a conexão, em que se dá a liga entre

as orações e, por vezes, entre períodos, parágrafos ou blocos supraparagráficos. Realiza-se por meio de unidades da língua que preenchem essa função – mais especificamente, as conjunções, as preposições e respectivas locuções – ou por meio de expressões de valor circunstancial, inseridas na sequência do texto. Umas e outras constituem o que tradicionalmente se tem chamado por conectores (ANTUNES, 2005, p.54-55).

Na Figura 3, 'e' (segundo quadrinho) e 'mas' (terceiro quadrinho), respectivamente conjunções que detêm a semântica da adição e da oposição, são representações de conectores que atuam nesse tipo de relação textual.

Figura 3 – Literatura em quadrinhos, um suporte para a coesão



Fonte: Sette et al, 2013.

Antunes (2005) salienta que textos de maior extensão sempre apresentam essas relações; já os muito breves podem delegar ao contexto o efeito de significação.

Ainda na perspectiva de Antunes (2005), as relações textuais são viabilizadas por quatro procedimentos e seus respectivos recursos, como retrata a Figura 4.

Figura 4 – Relações textuais e seus respectivos procedimentos

Relações textuais	Procedimentos
1. Reiteração	<b>1. Repetição</b>
	<b>2. Substituição</b>
2. Associação	<b>3. Seleção lexical</b>
3. Conexão	<b>4. Estabelecimento de relações sintático-semânticas entre termos, orações, períodos, parágrafos e blocos supraparagráficos</b>

Fonte: Antunes, 2010.

### 2.3.2 PROCEDIMENTOS E RECURSOS DA REITERAÇÃO

O procedimento de repetição consiste na retomada de um segmento já trabalhado anteriormente, trata-se de um processo de volta, de retomada. Esse procedimento dispõe de três recursos: paráfrase, paralelismo e repetição de palavra ou expressão.

Segundo Antunes (2005), por paráfrase entende-se a reformulação de uma ideia já apresentada.

Esse recurso pode ser identificado em

[...] A chave dessa contradição foi descoberta ao constatar-se que um dos fatores da mortalidade infantil entre os brasileiros era proveniente do chamado ‘desmame precoce’, isto é, a tendência de as mães pararem de amamentar seus filhos apenas um ou dois meses após o parto, quando o período mínimo prescrito pela OMS (Organização Mundial da Saúde) é de seis meses (Retrato do Brasil, 2008, p. 98).

Observa-se que a sentença “a tendência de as mães pararem de amamentar seus filhos apenas um ou dois meses após o parto” é uma paráfrase de “desmame precoce”. A expressão “isto é” reforça a ideia de que essa paráfrase também tem valor explicativo.

Antunes (2005, p.64) afirma que “o paralelismo é um recurso muito ligado à coordenação de segmentos que apresentam valores sintáticos idênticos. [...] a unidades semânticas similares deve corresponder uma estrutura gramatical similar”.

Nessa mesma linha de raciocínio está Garcia (2009, p.53) ao mencionar que “não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo.”

Em consonância com Antunes (2005), Garcia (2009, p.53) diz que o

paralelismo não constitui uma norma rígida; nem sempre é, pode ou deve ser levado à risca, pois a índole e as tradições da língua impõem ou justificam outros padrões. Trata-se, portanto, de diretriz, mas diretriz extremamente eficaz, que muitas vezes saneia a frase, evitando construções incorretas [...]

“(...) Afrouxa-lhe o arco com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge.” (GARCIA, 2008, p.60)

No exemplo acima, o paralelismo está no emprego dos verbos ‘Afrouxa-lhes’, ‘embota-lhes’, ‘abre-lhes’ e ‘faz-lhes’: todos pronominais e conjugados no tempo presente do indicativo. Há também esse recurso na equivalência sintática das explicações ‘com que já não fere’, ‘com que vê o que não via’ e ‘com que voa e foge’.

Também deve ocorrer o paralelismo semântico, ou seja, uma congruência entre as ideias manifestas no texto. No entanto, vale ressaltar que, muitas vezes, a ausência de paralelismo semântico é um propósito para se atingir fins específicos em textos literários, como retratado na exposição abaixo:

“Fiz duas operações: uma em São Paulo e outra no ouvido” (GARCIA, 2008, p.60).

A quebra do paralelismo encontra-se nas exposições que sucedem o termo *operações*, pois um está para cidade e o outro, para uma referência ao corpo humano.

O terceiro método é a repetição propriamente dita, em que se volta “ao que foi dito antes pelo recurso de fazer reaparecer uma unidade que já ocorreu previamente. Essa unidade pode ser uma palavra, uma sequência de palavras ou até uma frase inteira” (ANTUNES, 2005, p. 70).

Pelo exposto, conclui-se que repetições nem sempre são demonstrações de vocabulário limitado ou inadequações, mas intenções do autor em marcar ênfase, contraste, correção, continuidade temática e até humor, como mostra a Figura 5.

Figura 5 – Poema “Letras louvando Pelé”, de Carlos Drummond de Andrade

Pelé, pelota, pejeja. Bola, bolão, balaço. Pelé sai dando balões-zinhos.  
 Vai, vira, voa, vara, quem viu, quem previu? GGGGooooo!!!  
 Menino com três corações batendo nele, mina de ouro mineira.  
 5 Garoto pobre sem saber que era tão rico. Riqueza de todos, a todos doada na ponta do pé, na junta do joelho, na perna do peito. E dança. Bailado de ar, bola beijada, beleza. A boa bola, bólide, brasil-brincando. A trave não trava, trevo de quatro, de quantas pétalas, em quantas provas, que se contam. Mil e muitas. Mundo.  
 10 O gol de letra, de lustre, de louro. O gol de placa, implacável. O gol sem fim, nascendo natural, do nada, do nunca; se fazendo fácil na trama difícil, flóreo, feliz. Fábula.  
 Na árvore de gols Pelé colhe mais um, romã rútila. No prato de gols papa mais um, receita rara. E não perde a fome? E não periga a força? E não pesa a fama?  
 15 Ama.  
 Ama a bola, que o ama, de mordente amor. Os dois combinam-se, mimam-se, ameigam-se, amigam-se. “Vem comigo”, e entram juntos na meta. Quem levou quem? Onde um termina, e a outra começa, mistura fina.  
 20 Saci-pererê, saci-pelelê, só pelê, Pelé, na pelada infantil. Assim se forma um nome, curto, forte, aberto. Saci com duas pernas pulando por quatro? Nunca vi. Nem eu. Mas vi. Saci corta o ar em fatias diáfanas, corta os atacantes, os defensores, saci-bola,  
 25 tatu-bola, roaz, reto, resplandece.  
 A arte que se tira do corpo, as belas artes do movimento, do ritmo. Músculos, nervos, tecidos, domados, acionados. Reflexos em flor florindo sempre. Escultura que a todo instante se modela e desfaz e refaz, dirente, fluida. Pelé, escultor de si mesmo. A esmo.  
 30 Errante. Constante. Presente. Presciente. Próvido.  
 O sonho de todas as crianças a envolvê-lo. O sonho de continuar nos adultos, novelo, desvelo. Não é do Santos, é de todos os Santos e pecadores. Sua foto leal, seu jeito legal. Um que sabe e não é prosa; a maior proeza.  
 35 Não quer tomar pileques de glória, vai para sua casa, seu povinho, seu que-fazer. Deu tanta alegria que também precisa viver a sua. Chamada paz. Não pode? Pode. Não deve? Claro que deve. E nós, lhe devendo tanto, ainda iríamos lhe cobrar mais uns quantos?  
 Mas leva a bola consigo; sem camisa amarela; só ela. Vai jogar  
 40 em família, com seu clube, sua paz, seu número dez.  
 A bola não ficou triste, a bola alegre resiste. Vai conversando com ela. Agora estamos mais livres? Vamos viver mais para nós? A bola indaga; tem voz.  
 Pois é, responde Pelé. O nome rima no ar. Nome fácil de guardar. De dizer. Os sons se cruzam, se abraçam. Pelé no Maracanã.  
 45 O imenso coro ressoa. Pe-lé, Pe-lé, Pe-lé.  
 Até  
 Amanhã.  
 Não é adeus, é até  
 50 logo, Pelé, até.  
 No Maracanã, na esperança, no mundo, o nome, a lembrança, a presença de Pelé.

Fonte: Fávero, 1998.

No poema de Drummond, a repetição das palavras ‘gol, ama e bola’ pretende demonstrar a intensidade da relação entre Pelé e a bola. O poeta imprime, por meio da repetição, a ideia do movimento da bola, que é direcionada pelos pés do craque.

Outro procedimento da reiteração, de acordo com Antunes (2005), é a substituição: um meio de voltar a um referencial já mencionado sem repeti-lo. Usa-se, para esse fim, um pronome, um advérbio ou outra palavra de aspecto semântico ou textual equivalente. Esse procedimento está subdividido em gramatical, lexical e retomada por elipse.

Tem-se a substituição gramatical quando um pronome ou advérbio é usado para retomar um termo.

Antunes (2005) afirma que a substituição pronominal acontece de duas maneiras: por anáfora (situação em que o pronome retoma um nome) e por catáfora (caso em que o pronome precede um nome, ou seja, tem o papel de introduzir um termo).

“Terceiro dia de aula. A professora é um amor. Na sala, estampas coloridas mostram animais de todos os feitios. É preciso querer bem a eles, diz a professora, com um sorriso que envolve toda a fauna, protegendo-a” (ANDRADE, 2011, p.14)

Ocorrem casos de substituição pronominal no excerto da crônica de Carlos Drummond de Andrade acima referida. O pronome *eles* retoma o termo animais; o pronome ‘a’, em protegendo-a, substitui ‘fauna’. Ambas as colocações representam a anáfora, uma vez que os pronomes estão retomando termos e não introduzindo novos, o que é vigente na catáfora.

A substituição lexical, como defende Antunes (2005, p.96), “é o uso de uma palavra no lugar de outra que lhe seja textualmente equivalente”.

A autora também observa que, ao substituir uma palavra por outra, exige-se do interlocutor um movimento interpretativo, uma vez que os novos vocábulos inseridos trazem em si informações complementares.

“Se você quiser, compre um carro; é um conforto admirável. Mas não o faça sem conhecimento de causa, a fim de evitar desilusões futuras. Saiba que está praticando um gesto essencialmente econômico; não para a sua economia, mas para a economia coletiva. Isso quer dizer que, do ponto de vista comunitário, o automóvel que você adquire (...)” (CAMPOS, 2011, p.23).

Como exemplo de substituição pelo léxico, tem-se, no trecho acima, a palavra *automóvel* retomando o substantivo *carro*. Esse recurso proporciona a manutenção temática.

Segundo Antunes (2005), é possível substituir uma palavra por um sinônimo (termo de sentido equivalente ou aproximado), um hiperônimo: palavra de sentido

geral que designa uma classe de seres, ou por uma expressão descritiva (o que não é sinônimo ou hiperônimo, mas no contexto pode assumir essas condições).

Ao optar pelo uso do sinônimo como recurso de substituição, Antunes (2005) faz lembrar que, embora não exista sinonímia perfeita, trata-se de um promotor da continuidade textual. A autora ressalta também que é preciso considerar o caráter informativo da nova palavra de equidade semântica, pois, mesmo que os termos relacionados sejam tidos no dicionário como equivalentes, é somente no texto e em função dos objetivos pretendidos que se constata a viabilidade do uso.

A substituição por um hiperônimo estabelece uma relação entre algo mais específico (gato) e outro mais amplo/geral (animal).

Segundo Antunes (2005), se por um lado há hiperônimos que podem substituir um número grande de palavras por serem genéricos, como é o caso do termo *coisa*, por outro lado existem aqueles que são menos aplicáveis e de natureza mais rígida, como *anfíbio* ou *felino*, unidades terminológicas de uma nomenclatura.

Os hiperônimos podem, ainda, resumir ou recapitular blocos anteriores do texto, sinalizando o fechamento de um tópico e a abertura de outro.

Há também, como aponta Antunes (2005), a denominada substituição por 'caracterização situacional', em que o termo empregado, o qual não é nem sinônimo nem hiperônimo, apresenta uma descrição da palavra retomada e estabelece com ela uma identidade semântica válida e reconhecida apenas no texto.

No texto de Millôr Fernandes, ilustrado na Figura 6, a expressão *galinha nova* é substituída no último parágrafo por *doidivas*. A conexão é pertinente por conta da figura construída ao longo do texto, ou seja, o comportamento da galinha é condizente com o tratamento recebido na narrativa. No entanto, fora desse núcleo textual, não seria possível a identidade entre esses dois termos. A isso Antunes (2005) chama caracterização situacional.

Figura 6 – Fábula de Millôr Fernandes

**A GALINHA REIVINDICATIVA  
OU THE HEN'S LIBERATION**

Em certo dia de data incerta, um galo velho e **uma galinha nova** encontraram-se no fundo de um quintal e, entre uma bicada e outra, trocaram impressões sobre como o mundo estava mudado. O galo, porém, fez questão de frisar que sempre vivera bem, tivera muitas galinhas em sua vida sentimental e agora, velho e cansado, esperava calmamente o fim de seus dias.

— Ainda bem que você está satisfeito — disse a galinha — E tem razão de estar, pois é galo. Mas eu, galinha, fêmea da espécie, posso estar satisfeita? Não posso. Todo dia pôr ovos, todo semestre chocar ovos, criar pintos, isso é vida? Mas agora a coisa vai mudar. Pode estar certo de que vou levar uma vida de galo, livre e feliz. Há já seis meses que não choco e há uma semana que não ponho ovo. A patroa se quiser que arranje outra para esses ofícios. Comigo, não, violão!

O velho galo ia ponderar filosoficamente que galo é galo e galinha é galinha e que cada um tem sua função específica na vida, quando a cozinheira, sorrateiramente, passou a mão no pescoço da **doidivanas** e saiu com ela esperneando, dizendo bem alto: “A patroa tem razão: galinha que não choca nem põe ovo só serve mesmo é pra panela”.

MORAL: UM TRABALHO POR JORNADA MANTÉM A FACA AFASTADA.

(Millôr Fernandes, *Fábulas Fabulosas*, Rio de Janeiro: Nórdica, 1991, p. 22).

Fonte: Antunes, 2010.

Como sintetiza Antunes (2005), segmentos textuais relacionados por substituição lexical

- guardam, entre si, uma relação sinonímica e têm, como tais, o mesmo sentido;
- guardam, entre si, uma relação de hiperonímia, dentro dos limites de generalidade que este tipo de relação admite;
- guardam, entre si, uma relação de equivalência, dada por algum tipo de caracterização circunstancial com a qual o locutor pretende fornecer, ao parceiro da interação, os elementos contextuais de um dado referente (ANTUNES, 2005, p.116-117).

Em relação à retomada por elipse, esta é vista por Halliday e Hasan (1976) apud Antunes (2005, p.117) como “um tipo particular de substituição, que os autores chamam de substituição por zero.”.

A elipse é a omissão de palavras ou expressões que podem ser reconhecidas e recapituladas no contexto. Embora tenha valor expressivo, é de natureza sintática e tem a vírgula como elemento indicativo de que um termo, mesmo apagado, continua em foco. “Por isso mesmo é que a elipse é considerada, na perspectiva do texto, uma espécie de reiteração, sem contar com outros efeitos que ela provoca, como concisão e a leveza de estilo” (ANTUNES, 2005, p.119).

“Bernardo tem 5 anos mas já sabe da existência do Japão. E aponta para o céu com o dedo (...)” (SABINO, 2011, p.45).

No excerto exemplificativo, os verbos *sabe* e *aponta* referem-se a Bernardo, termo que foi suprimido, o que configura a elipse.

Percebe-se, então, que, na construção de um texto, é possível dispor de vários mecanismos a fim de se efetuar a continuidade, a manutenção ou progressão temática.

A “dosagem no uso de um e de outro recurso coesivo – ora a repetição, ora uma substituição qualquer, ora a elipse – representa um aspecto relevante da competência textual” (ANTUNES, 2005, p.121).

E essa competência é algo que, segundo a autora, só se aprende por análise e prática de escrita.

Koch e Elias (2008) chamam de referenciação as maneiras de introduzir referentes no texto e, quando estes são retomados, afirma tratar-se de progressão referencial. Aborda como estratégias de referenciação a introdução e a retomada.

Para a autora, a introdução pode ser não ancorada (a primeira menção a um objeto de discurso) e ancorada (um objeto de discurso é introduzido mediante algum tipo de associação). Nesta encontram-se os rótulos prospectivos e retrospectivos<sup>9</sup>.

A retomada, como indicam Koch e Elias (2008, p.131), é “a operação responsável pela manutenção em foco, no modelo do discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, que são responsáveis pela progressão referencial do texto”. Pode ser executada por elementos de natureza gramatical - como pronomes, elipses, numerais e advérbios – ou de ordem lexical: reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais. Visão esta muito semelhante à de Antunes (2005).

---

<sup>9</sup> Os rótulos fazem parte das introduções ancoradas e classificam-se em prospectivos e retrospectivos, respectivamente relacionados à ordem da progressão e da manutenção temática (KOCH e ELIAS, 2008).

Koch e Elias (2008) conceituam a ideia de sequenciação como as várias maneiras de fazer um texto evoluir sem perder o foco discursivo. Afirmam que esse mecanismo pode acontecer com base em recorrências ou não.

Quando há recorrência, as autoras dizem ser promovida por léxico; estrutura (menção ao paralelismo sintático); conteúdo semântico (referência à paráfrase); recursos fonológicos (igualdade de metro, ritmo, rima, aliteração e assonância, etc.) e tempo e aspecto verbal. Este último indica ao leitor/ouvinte, entre outras sugestões, se a sequência deve ser entendida como relato (ausência de manifestação opinativa) ou comentário (em que há posicionamento crítico).

Acerca da não recorrência, Koch e Elias (2008) avaliam a manutenção e a progressão temática. Enquanto aquela se dá pelo uso de um mesmo campo lexical, esta se organiza em dois blocos comunicativos: tema (tópico, aquilo de que se fala) e rema (comentário, o que se diz sobre o tema).

Fávero (1998), numa linha de raciocínio muito próxima à de Koch e Elias (2008), propõe três tipos de coesão: referencial, recorrencial e sequencial.

Para a autora, “a referência constitui um primeiro grau de abstração: o leitor/alocutário relaciona determinado signo a um objeto tal como ele o percebe dentro da cultura em que vive.” (FÁVERO, 1998, p.18)

Nessa análise, a coesão referencial pode ser obtida por substituição e reiteração.

Tem-se a substituição quando um elemento gramatical (a chamada pro-forma) antecede ou retoma um componente do texto. Fávero (1998) também cita os conceitos de anáfora e catáfora nesse contexto.

Ao discorrer sobre a reiteração, essa autora determina que o processo ocorre por meio de repetição do mesmo item léxico, sinônimos, hiperônimos e hipônimos, expressões nominais definidas e nomes genéricos, assim como Koch e Elias (2008).

### 2.3.3 PROCEDIMENTOS E RECURSOS DA ASSOCIAÇÃO SEMÂNTICA

A unidade temática de um texto é obtida pela relação entre as palavras que o estruturam. Diante disso, o procedimento de seleção lexical é de suma importância na construção de um todo significativo.

Na exposição de Antunes (2005), a coesão lexical do texto é uma das condições de sua coerência.

Em uma organização textual, há inserções que a autora chama de ocorrência relevante, ou seja, são as palavras do núcleo temático, as quais entram em cadeia com outras que passam a constituir as ocorrências periféricas, originando subtópicos menores.

O que determina a seleção lexical é, para Antunes (2005), o propósito comunicativo, portanto a escolha de palavras segue uma determinação sociocognitiva.

As bases associativas valem-se de muitos tipos de relações semânticas. No entanto é preciso destacar as associações entre palavras antônimas e entre as que designam a relação parte/todo (partonímia), pois “motivam a maioria dos nexos coesivos que promovem a continuidade do texto” (ANTUNES, 2005, p.132).

Segundo Lyons (1980) apud Antunes (2005, p.132-133), as unidades lexicais podem se associar por relações de antonímia, como mínimo e máximo; de co-hiponímia: animal, vegetal, mineral; de partonímia, o que é percebido em rio, margem, nascente, por exemplo.

A mesma autora salienta ainda que essas relações adquirem desdobramentos muito amplos e de limiar às vezes pouco claros. Por isso afirma que “o conhecimento de mundo é um princípio organizador dos conceitos e constitui uma base bastante significativa para muitas associações que se fazem relevantes em um texto” (ANTUNES, 2005, p.136).

Reflexão esta complementada pela ideia de que

a coesão ultrapassa a simples marca superficial do texto ou simples justaposição de palavras ou frase. Os diversos tipos de recursos coesivos, pelos quais se espera que haja a necessária continuidade e articulação das subpartes, têm de estar em interação e vinculados a sentidos globais e a intenções comunicativas, o que, de fato, dará ao ‘texto’ o estatuto de sua unidade (ANTUNES, 2005, p.139).

Koch e Elias, nessa abordagem do léxico e das relações semânticas, ressaltam que as expressões nominais referenciais “desempenham uma série de funções cognitivo-discursivas de grande relevância na construção textual do sentido” (2008, p.137).

De acordo com as autoras, as palavras selecionadas para a continuidade textual promovem ativações ou reativações na memória do interlocutor; atuam como

predicativas, ou seja, norteiam informações novas que, por encapsulamento<sup>10</sup>, recapitulam segmentos anteriores e, assim, viabilizam a ligação entre tópicos e subtópicos. Todas essas atividades são responsáveis pelos dois importantes movimentos de construção do texto: retroação e progressão, respectivamente as atividades de reativar objetos de discurso já mencionados e, sobre eles, apresentar dados novos.

### 2.3.4 PROCEDIMENTOS E RECURSOS DA CONEXÃO

A coesão por conexão acontece devido ao emprego dos chamados conectores, papel este representado por “conjunções, preposições e locuções conjuntivas e preposicionais, bem como por meio de alguns advérbios e locuções adverbiais” (ANTUNES, 2005, p.140).

Esse tipo de coesão diferencia-se dos outros, pois demanda pontos específicos de uso e limites sintáticos mais rígidos.

Na visão de Antunes (2005), a conexão não se dá apenas entre os termos de uma oração ou entre orações, como é proposto pela maioria das gramáticas, mas também entre períodos, parágrafos e até segmentos maiores. Para essa estudiosa, os conectores não representam apenas o encaixe de segmentos, mas atuam como valiosos recursos de sentido e orientação argumentativa do texto.

“A diferença de cor de pele é um fenômeno relativamente recente na história da humanidade. Quando o Homo sapiens surgiu, há 200.000 anos, todos tinham a pele negra e habitavam a África. À medida que foram se espalhando pelo mundo, primeiro na Ásia, depois na Oceania, na Europa e na América, as populações se adaptaram aos novos ambientes. Os cientistas acreditam que a seleção natural exercida nesses ambientes tenha dado origem às diferentes cores de pele e características anatômicas que distinguem as raças (...)” (ZAKABI e CAMARGO, 2007, p.87).

Vê-se no fragmento apresentado o que Antunes (2005) chama de coesão por conexão. O segundo período é iniciado pelo conector ‘Quando’, estabelecendo uma relação de temporalidade com a informação sequente. A expressão ‘À medida que’, ao iniciar o terceiro parágrafo, estabelece com o segmento posterior uma relação de proporcionalidade. O último período do trecho em análise também evidencia

---

<sup>10</sup> Essa é uma função própria particularmente das nominalizações, que sumarizam as informações contidas em segmentos precedentes do texto (KOCH e ELIAS, 2008).

mecanismos de conexão que ora complementam ora limitam as palavras a que se referem, o que acontece respectivamente com ‘que a seleção natural exercida nesses ambientes tenha dado origem às cores de pele e características anatômicas’ e ‘que distinguem as raças’.

Antunes (2005) expõe os valores semânticos das conjunções e indica que esses conectivos estabelecem relações de:

a) *causalidade*: situação esta em que um segmento revela a causa da consequência apontada em outro, o que é efetuado por expressões da natureza de ‘porque, uma vez que, visto que, já que’ e outras.

“Fazia tudo que lhe viesse à cabeça, *já que* ia morrer” (TREVISAN, Dalton apud FARACO e MOURA, 2006, p.438).

A expressão conjuntiva em destaque estabelece com o segmento anterior uma relação de causa. Há, portanto, entre os dois segmentos uma parceria de causa e consequência.

b) *condicionalidade*: cenário textual em que um segmento expressa condição para o conteúdo de outro segmento. Essa relação, segundo a autora, sugere uma ideia de causa hipotética e pode ser representada linguisticamente por palavras como ‘se, caso, desde que, contanto que, a menos que, sem que, salvo se, exceto se’.

“O jogador ameaça entrar na justiça *se* o contrato não for cumprido” (FARACO e MOURA, 2006, p.438).

A condição para que a justiça seja acionada é o não cumprimento do contrato, fato este indicado pelo conector *se*.

c) *temporalidade*: diz sobre o tempo, a partir do qual são localizados os acontecimentos expressos. São conectores temporais os temos ‘quando, enquanto, apenas, mal, antes que, depois que, logo que, assim que, sempre que, até que, desde que, todas as vezes que, cada vez que’. Em relação à temporalidade, é possível analisar duas ocorrências: o encadeamento pode expressar uma ordem temporal voltada para a percepção do enunciador acerca dos fatos ocorridos ou

estar relacionado a uma sequência temporal, isto é, a ordem em que os fatos vão acontecer no texto.

“*Assim que* receber a prova, leia todas as instruções” (FARACO e MOURA, 2006, p.439).

Dá-se a relação temporal entre receber a prova e ler as instruções, por meio da expressão *assim que*.

d) *finalidade*: é percebida quando um segmento indica o objetivo intencionado por outro, ideia esta viabilizada por expressões como ‘para que, a fim de que’.

“O velho submerge *para que* o novo possa emergir” (EXAME apud FARACO e MOURA, 2006, p.439).

Nesse contexto, mostra-se o propósito da submersão, ideia conduzida pelo conector *para que*.

e) *alternância*: o conector ‘ou’ pode indicar duas possibilidades – a exclusão, caso em que os segmentos indicam fatos excludentes, ou seja, apenas uma informação é aceita, e a inclusão – os conteúdos dos segmentos não se excluem, completam-se. Além deste, o conector *ora* também expressa alternativa.

“*Ora* dormiam, *ora* jogavam cartas” (FARACO e MOURA, 2006, p.420).

Trata-se, nesse caso, de uma alternância por exclusão, uma vez que as ações se anulam.

f) *conformidade*: refere-se a um acordo entre os segmentos envolvidos; essa sintonia é sinalizada por termos da ordem de ‘como, conforme, segundo’, entre outros.

“Todos os funcionários agiram *como* o diretor mandou” (FARACO e MOURA, 2006, p.420).

Percebe-se um acordo entre funcionários e diretor. A conjunção *como* revela a cumplicidade entre os segmentos.

g) *complementação*: ocorre quando um segmento atua como complemento de outro, e os conectores que estabelecem essa relação são ‘que, se e como’.

“A professora convenceu-me *de que* preciso ler mais” (FARACO e MOURA, 2006, p.425).

A oração ‘de que preciso ler mais’ é um complemento do verbo *convencer*, conferindo sentido a ele.

h) *delimitação ou restrição*: um segmento delimita ou restringe o outro. Esses segmentos são interligados por pronomes relativos.

“Há alunos *que* só podem estudar à noite” (FARACO e MOURA, 2006, p.433).

A oração ‘que só podem estudar à noite’ limita o antecedente *alunos*, deixando implícito que alguns alunos conseguem estudar em outros períodos.

i) *adição*: em um conjunto de informações já apresentado, tem-se a introdução de algo. Os elementos que articulam essa ideia são termos como ‘e, ainda, também, não só...mas também, além de, nem’ e outros.

“O Robosapiens fala e cumprimenta as pessoas” (FARACO e MOURA, 2006, p.421).

No exemplo em evidência tem-se uma ideia de ‘soma’, ou seja, da quantidade de ações que o robô faz.

j) *oposição*: acontece quando um conteúdo se opõe a outro. Expressões tidas como adversativas e concessivas pela gramática estabelecem esse papel semântico. São elas: mas, porém, contudo, entretanto, no entanto, embora, apesar de, entre outras.

“Na era da comunicação de massa, a televisão trazia o mundo para dentro da nossa sala de visitas, porém apenas o contemplávamos na condição de espectadores” (SAFFO, PAULO apud FARACO e MOURA, 2006, 421).

Há uma adversidade entre ter algo e não usufruir dele, o que é imposto pela conjunção *porém*.

k) *justificação* ou explicação: dar-se-á mediante o propósito de um segmento justificar, explicar ou esclarecer outro, por meio de conectores como ‘isto é, quer dizer, ou seja, pois, que’.

“Os professores, *que* estão em greve, não serão penalizados” (FARACO e MOURA, 2006, p. 433).

Acontece uma explicação acerca dos professores mencionados no trecho, trata-se de uma caracterização que expressa a generalização do termo, ou seja, todos os professores referidos estão em greve e não serão prejudicados.

l) *conclusão*: é sinalizada por um segmento que indica uma conclusão obtida por fatos evidenciados em um segmento anterior. ‘Logo, portanto, pois, por conseguinte, então, assim’ são alguns dos conectores que promovem esse feito.

“A água é um agente transmissor de doença, *por conseguinte* a sua qualidade microbiológica é de importância vital para a sociedade” (FARACO e MOURA, 2006, p.421).

Constata-se que a água é um transmissor, portanto sua qualidade deve ser mantida para evitar problemas, ideia impressa pelo conector em destaque na oração.

m) *comparação*: essa relação está em evidência sempre que segmentos distintos confrontam elementos com a intenção de propor diferenças ou semelhanças entre eles. E isso se dá por meio de expressões como ‘mais [...] do que, menos [...] do que, tanto [...] quanto, e outras.

“Mecânico na Inglaterra é mais caro que uma consulta médica” (FARACO e MOURA, 2006, 438).

No exemplo acima há uma comparação efetivada entre o trabalho do mecânico e o valor de uma consulta, sendo que aquele se encontra, em aspecto financeiro, mais significativo que este.

Koch (1999) usa o conceito de sequenciação frástica para se referir à progressão textual sinalizada por marcas linguísticas.

Declara também que um dos fatores de coesão textual é a conexão, garantida no texto por “conjunções, advérbios sentenciais (também chamados advérbios de texto) e outras palavras (expressões) de ligação que estabelecem, entre orações, enunciados ou partes do texto, diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas” (KOCH, 1999, p.62).

A autora, em consonância com Antunes (2005), aborda as relações de condicionalidade, causalidade, temporalidade, conformidade, explicação ou justificativa, conclusão e comparação promulgadas pelos conectores nos segmentos textuais.

No quesito denominação, algumas diferenças são percebidas entre as duas autoras acima citadas. Por exemplo, Koch (1999) chama de mediação e disjunção aquilo que Antunes (2005), respectivamente, aborda como finalidade e alternância; a conjunção apontada por aquela tem o mesmo valor da adição mencionada por esta. A contração é para Koch (1999) o que a oposição é para Antunes (2005). Aos segmentos direcionados por expressões como ‘isto é’ e ‘ou seja’ a primeira chama correção/redefinição; já a segunda, justificativa ou explicação.

Fávero (1998, p.35), num procedimento teórico semelhante ao de Koch (1999), participa que

num texto tudo está relacionado; um enunciado está subordinado a outros na medida em que não só se compreende por si mesmo, mas ajuda na compreensão dos demais. Esta interdependência semântica e/ou pragmática é expressa por operadores do tipo lógico, operadores discursivos e pausas.

Operadores lógicos estabelecem relações de disjunção, condicionalidade, causalidade, mediação, complementação, restrição ou delimitação. Os de natureza discursiva, de conjunção, disjunção, contração, explicação, conclusão e comparação.

Fávero (1998) chama de pausa as organizações em que sinais de pontuação substituem os conectores frásicos. A isso Koch (1999) chama justaposição sem partículas, o que, segundo esta,

particularmente no texto escrito, extrapola o âmbito da coesão textual, que, como se viu, diz respeito ao modo como os componentes da superfície textual se encontram conectados entre si através de elementos linguísticos. Inexistindo tais elementos, cabe ao leitor construir a coerência do texto, estabelecendo mentalmente as relações semânticas e/ou discursivas. Nesses casos, o lugar do conector ou partícula é marcado, na escrita, por sinais de pontuação (vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, ponto). (KOCH, 1999, p.60).

“O jogo foi desastroso, perdemos de 4 a zero para o Internacional” (FARACO e Moura, 2006, p.423).

Tem-se no exemplo acima aquilo que Koch (1999) chama de justaposição e Fávero (1998), de pausa.

Percebe-se que, mesmo sem a presença de um conector, a segunda oração expressa uma ideia de causa, motivo.

## **2.4 COERÊNCIA TEXTUAL**

Koch (1999, p.183) afirma que, “frequentemente, ao lermos ou ouvirmos um texto, manifestamos nossa avaliação: isso faz sentido, é coerente; aquilo não faz sentido, não é coerente”. Diante desse pensamento, entende-se que a coerência, em grande parte, responde pelo sentido do texto.

Um texto é visto como coerente quando se percebe nele uma unidade de sentido. A coerência não está, de acordo com Antunes (2005), apenas nas determinações gramaticais, no entanto a autora salienta que esse aspecto é importante, pois a disposição das palavras e a ordem dos segmentos permitem uma assertiva percepção dos significados.

Torna-se viável, portanto, sustentar que a coerência, além de contextual, extralinguística e pragmática, uma vez que depende de conhecimentos não internos à língua, é também de aspecto linguístico.

Charolles (1978) apud Antunes (2005) enfatiza que há uma ordem mínima de composição textual estabelecida entre membros de uma comunidade linguística, o que constitui a competência textual desses mesmos membros.

Outra teoria defendida pelo autor é a distinção entre coerência macroestrutural ou global, que são as relações entre as sequências maiores do texto como forma de unidade, e coerência microestrutural ou pontual, isto é, a relação entre palavras ou frases ordenadas.

A coerência, portanto, está amparada na forma como se organiza a sequência de um texto e nos parâmetros pragmáticos que englobam todos os fatores presentes na situação comunicativa. Tudo isso culmina nas quatro metarregras de coerência postuladas por Charolles (1978) apud Antunes (2005, p.182-186):

- metarregra da repetição: para que um texto seja (microestruturalmente ou macroestruturalmente) coerente, é preciso que ele comporte em seu desenvolvimento linear elementos de estrita recorrência.
- metarregra da progressão: para que um texto seja (microestruturalmente ou macroestruturalmente) coerente, é preciso que seu desenvolvimento contenha elementos semânticos constantemente renovados.
- metarregra da não-contradição: para que um texto seja (microestruturalmente ou macroestruturalmente) coerente, é preciso que em seu desenvolvimento não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto anteriormente.

- metarregra da relação: para que um texto seja (microestruturalmente ou macroestruturalmente) coerente, é preciso que os fatos que ele expressa estejam relacionados entre si no mundo representado.

Para Charolles (1983) apud Koch e Elias (2008), o princípio da interpretabilidade está na interação entre os interlocutores, no conhecimento partilhado por eles.

Outros autores que refletem acerca do conceito de coerência são Van Dijk e Kintsch (1983) apud Koch e Elias (2008). Para eles existem vários tipos de coerência, entre os quais estão a sintática, semântica, temática, pragmática, estilística e genérica.

Por coerência sintática entende-se o uso adequado das estruturas linguísticas que favorecem a coerência semântica, a qual diz respeito às relações de sentido entre as partes sequenciadas no texto; a coerência temática é a exigência de enunciados relevantes para a manutenção e progressão do tópico discursivo; a pragmática volta-se para o discurso como uma sequência de atos de fala obedecendo a condições de realização; coerência estilística refere-se às escolhas dos registros pertinentes à situação comunicativa e a genérica, à estrutura do gênero adotado frente aos objetivos comunicacionais pretendidos.

Koch e Elias (2008) defendem que a coerência não está no texto, e sim constrói-se com base nele por meio de processamentos de natureza discursiva, sociocognitiva, situacional e interacional.

Para Beaugrande e Dressler (1981) apud Fávero (1998, p.59) “o texto coerente é aquele em que há uma continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas expressões do texto”.

Fávero (1998) aponta a semântica procedimental como a mais apropriada para analisar o conceito de coerência, uma vez que opera com dois níveis de aquisição de conhecimento: declarativo e procedimental.

Enquanto o conhecimento declarativo é proporcionado pelas afirmações expostas nas frases e sequências, impulsionando relações do tipo lógico, o procedimental é decorrente de experiências vividas, está armazenado na memória e é ativado na interação verbal por elementos do texto.

Esses conhecimentos são organizados, segundo Fávero (1998), em estruturas cognitivas denominadas conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas.

Os conceitos referem-se aos conhecimentos armazenados na memória semântica e na episódica. Dividem-se em primários, responsáveis pelas estratégias de processamento do texto, e secundários, ou ativados pelos primários.

Modelos cognitivos globais são os conhecimentos armazenados na memória e muito utilizados no processo de comunicação.

A autora afirma que os *frames*, conhecimentos comuns retidos, mas não ordenados; *esquemas*, conhecimentos armazenados e dispostos em sequências que implicam relações de temporalidade e causalidade; *planos*, conhecimentos ativados de modo deliberativo para se atingir um fim; *scripts*: conhecimentos estáveis acerca de condutas estereotipadas, previsíveis, e *cenários*, ou seja, a referência contextual, são especificações dos modelos cognitivos globais.

Quanto às superestruturas, estas representam, segundo Fávero (1998, p.69), “a forma global de um texto, que define sua organização e as relações hierárquicas entre seus fragmentos”.

A autora faz menção ao conhecimento prévio e o define como alicerce da coerência. Esse conhecimento formata-se pela adjeção dos conhecimentos linguísticos (que viabilizam a comunicação em uma língua), textual (reconhecimento da estrutura de um texto) e de mundo, o qual é adquirido tanto formal como informalmente e representa todos os saberes sobre o mundo.

Marcuschi (2008) cita outros mecanismos norteadores da coerência. São eles os critérios da *intencionalidade* (os propósitos do produtor do texto como fator relevante para a textualidade), *aceitabilidade* (trata-se da atitude do receptor do texto), *situcionalidade* (relação entre o evento textual e a situação em que ele ocorre), *intertextualidade* (relação estabelecida entre um dado texto em análise e outros decorrentes de experiências anteriores) e *informatividade* (que diz respeito ao conteúdo informativo).

Diante do exposto, entende-se que

as relações entre a coesão e a coerência são bastante estreitas e interdependentes. Quer dizer, não há uma coesão que exista por si mesma e para si mesma. A coesão é uma decorrência da própria continuidade exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da unidade que dá coerência ao texto (ANTUNES, 2005, p.177).

### 3. ANÁLISE DO CORPUS

Com base nos referenciais teóricos expostos, e conforme conduta descrita na metodologia, será efetuada agora a análise dos gêneros textuais selecionados para que se verifique a relevância dos recursos de coesão como efetivos contribuintes do alcance da coerência textual.

Nesta análise, seguir-se-á o modelo proposto por Antunes (2010), o qual consiste em oito níveis de abordagem. São eles:

- universo de referência;
- unidade temática;
- progressão do tema;
- propósito comunicativo;
- esquemas de composição do texto, conforme seu tipo e gênero;
- relevância informativa;
- relações com outros textos;
- fatos gramaticais.

Os primeiros níveis serão mencionados de maneira bem concisa, uma vez que o foco do trabalho incide sobre os elementos da superfície do texto, ou seja, os recursos coesivos como propagadores do sentido. Para tanto, iniciar-se-á o feito da análise com os fatos gramaticais.

A primeira análise incidirá sobre a crônica *O padeiro*, de Rubem Braga; a segunda, sobre a notícia intitulada *Chile desiste de participar de pacto pela imigração da ONU*, da Folha de S. Paulo.

- Sobre o gênero crônica

Segundo Marcuschi (2008), a crônica insere-se no domínio discursivo ficcional e na modalidade escrita.

A palavra crônica vem do grego *chrónos* (tempo), o que justifica seu viés contemporâneo e a sua brevidade.

Como afirma Moisés (1982, p.105),

a crônica oscila, pois, entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial e a recriação do cotidiano por meio da fantasia. No primeiro caso, a crônica envelhece rapidamente e permanece aquém do território literário: na verdade, a senescência precoce ou tardia de uma crônica decorre de seus débitos com o jornalismo stricto sensu.

Por meio de uma linguagem mais leve, ou seja, distante das formalidades de outros gêneros jornalísticos, e de um estilo desprezioso, o cronista manifesta sua subjetividade acerca da sociedade em que se insere. A temática do cotidiano é seu objeto de escrita.

Trata-se de um gênero híbrido cujo propósito é entreter o leitor para, de modo sutil, conduzi-lo à reflexão.

Texto 1: crônica ‘O padeiro’, de Rubem Braga.

- Sobre o autor

Rubem Braga é considerado um dos maiores cronistas brasileiros. Seus escritos memoráveis são marcados pelo lirismo com que as memórias do passado se fundem às reflexões sobre a atualidade. Mesclando humor e melancolia, as crônicas desse autor revelam um olhar profundo sobre o ser humano. Braga tem um estilo leve e divagador no comentário dos fatos cotidianos, traz para seus textos traços próprios da oralidade, o que dá fluidez ao assunto e o aproxima do leitor.

*“Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer o café e abro a porta do apartamento – mas não encontro o pão costumeiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre ‘greve do pão dormido’. De fato não é bem uma greve, é o lockout, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o que do governo”.*

No início do trecho, percebe-se a organização chamada por Koch (1999) de justaposição e por Fávero (1998), de pausa. As três primeiras orações do primeiro período não são introduzidas por conectores, o encadeamento sugere o montante de ações executadas pelo narrador, o que se confirma com o emprego sequente do

conector 'e', o qual, segundo Antunes (2005), estabelece a ideia de adição. É permitido também mencionar o paralelismo sintático, pois todas as orações desse período composto têm o verbo na primeira pessoa do singular e no tempo presente do indicativo. Ainda no primeiro período, há o uso de outro conector (mas), elemento responsável por introduzir a perspectiva de oposição, conduzindo o leitor a um caminho de maior atenção, visto que essa conjunção é de grande valor argumentativo e indica, de acordo com a autora, a ruptura da expectativa levantada na informação anterior.

Há nesse momento, seguindo a abordagem de Koch e Elias (2008), a introdução não ancorada de um referente: o *pão* é colocado em foco. A partir desse momento, acontece o que Koch (2008) chama de *ocorrência relevante*, ou seja, as palavras do núcleo temático interagem com outras e originam os subtópicos.

De acordo com Antunes (2005), a expressão adverbial 'No mesmo instante' marca a relação de temporalidade, imprimindo a ordem temporal que o narrador percebeu para os acontecimentos; a partir desse momento adota-se o procedimento de repetição pelo léxico, a palavra *pão* é retomada, o que enfatiza e favorece a manutenção do tema. Por associação, o termo *greve* conecta-se a *pão*, marcando a unidade temática.

*“Está bem. Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:*

*- Não é ninguém, é o padeiro!*

*Interroguei-o mais uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?*

*“então você não é ninguém?”*

Nesse segundo trecho, retoma-se a expressão *pão dormido* e, por meio do conector 'que', é dada uma explicação sobre ela ('não é tão ruim assim'), o que promove um nexos entre as partes do texto. A seguir, a sequência textual é proporcionada pelo conector *enquanto*, que introduz uma ordem de ações ocorridas na memória do narrador.

Um novo referente é introduzido: ‘um homem’. A relação de delimitação, conceito exposto por Antunes (2005), é vista na oração ‘que conheci antigamente’, o que restringe o termo homem, ou seja, não se trata de qualquer homem e sim de um específico do passado do narrador.

No terceiro período do trecho em análise, mais um conector temporal é empregado, marcando-se, desse modo, a sequência dos fatos desencadeados na memória do narrador. No mesmo período, outros dois recursos de conexão são ativados: o *mas*, que sinaliza uma oposição entre a ideia de fazer soar a campainha e não incomodar, a esse efeito Koch (1999) chama contrajunção, e o *para*, um termo mediador que explicita o meio para atingir um fim.

A relação por associação permite que os termos *padeiro*, *ninguém* e *homem modesto* estejam interligados e promovam a continuidade do texto, favorecendo a interpretabilidade.

Em ‘interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?’, a substituição de padeiro é feita pelo pronome *o*, uma situação de anáfora; o verbo *tivera* evidencia uma retomada por elipse, o termo padeiro (com o qual o verbo se relaciona) está oculto e, por fim, o pronome *aquilo* refere-se à organização frasal toda: ‘- Não é *ninguém*, é o *padeiro!*’. Tudo isso vem tecendo a ‘trama’, ou seja, o texto flui num processo de continuidade.

*Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era: e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: “não é ninguém, não senhora, é o padeiro”. Assim ficara sabendo que não era ninguém...*

O pronome *Ele* é uma substituição pronominal anafórica de padeiro; *que aprendera aquilo de ouvido*, uma complementação da oração ‘Explicou’ (nesse trecho ainda é possível perceber a atuação do pronome *aquilo* retomando a ideia de que o padeiro não era ninguém). A oração ‘que vinha lá de dentro’ exemplifica o recurso da conexão e limita o substantivo *voz*; o advérbio *lá* tem relação catafórica com o espaço *dentro*.

Outros indicadores estão em ação nesse pequeno núcleo textual: repetição lexical dos termos *pessoa*, *ninguém* e *dentro*; encadeamento com a conjunção aditiva *e*, delimitação do substantivo *pessoa* por meio de conexão e mais uma oração complementar da locução *ficara sabendo*, que, por sua vez, evidencia uma elipse do pronome ‘*ele*’. O advérbio ‘*assim*’ demonstra o modo como a ideia de que não era ninguém chegou ao padeiro.

*“Ele me contou isso sem mágoa nenhuma e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda que menos importante. Naquele tempo eu também, como os padeiros, fazia o trabalho noturno. Era pela madrugada que deixava a redação de jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina – e muitas vezes saía levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como o pão saído do forno.”*

Inicia-se o parágrafo com anáforas; a primeira retoma padeiro com o pronome ‘*Ele*’. A segunda, pelo emprego do pronome *isso*, relembra-se tudo que o personagem (padeiro) contou ao narrador no parágrafo anterior.

Nova ação do padeiro é adicionada pela conjunção *e* na primeira linha, oração esta que detém uma retomada por elipse, a palavra padeiro não está em evidência, mas associa-se ao verbo *despediu*. A elipse é percebida também nos verbos *estava*, *fazia*, *deixava* e *saía*. Trata-se de um fenômeno a que Halliday e Hasan (1976) apud Antunes (2005) chamam de substituição por zero.

O pronome ‘*Eu*’ está associado ao narrador, assim como ‘*me*’ e ‘*colega*’; o pronome ‘*o*’ em *detê-lo* marca uma anáfora, pois substitui padeiro; ‘*para explicar*’ é o que Antunes (2005) chama de conexão com valor de finalidade; a oração ‘*que estava falando com um colega*’ complementa o verbo *explicar*.

Nesse trecho ocorrem duas conexões por comparação. A primeira está em ‘*como os padeiros*’ e simboliza a equivalência entre os afazeres noturnos do narrador e do padeiro; a segunda compara por igualdade o jornal e o pão na passagem ‘*como o pão saído do forno*’.

*“Ah. Eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou no notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar, e dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre; “não é ninguém, é o padeiro!”.*

*E assobiava pelas escadas.”*

Novamente se tem a repetição do pronome eu associado ao narrador; a elipse também marca esse trecho nos verbos *julgava*, *levava* e *assobiava*, todos conectados ao narrador. Ocorre a delimitação na construção das orações ‘que levava para casa’ e ‘que eu escrevera sem assinar’; o emprego do conector ‘porque’ introduz uma ideia de causa vinculada à consequência ‘me julgava importante’.

A reiteração por repetição da passagem *“não é ninguém, é o padeiro!”*, no último trecho da crônica, marca a reafirmação do tema e oportuniza o nexos semântico.

Feita a análise voltada para os mecanismos internos do texto, chega o momento de analisar a crônica ‘O padeiro’ de modo a atender os outros níveis propostos por Antunes (2010).

Quanto ao universo de referência, o texto encontra-se publicado no Volume 1 da série ‘Para gostar de ler’ de 1980. Seu autor, Rubem Braga, tornou-se referência como cronista de jornais de grande circulação no país. Trata-se de um texto literário e de abordagem despretensiosa em relação a informações de fatos pertinentes ao cotidiano.

A temática centraliza-se na ação rotineira de um narrador/enunciador: o recolhimento do pão entregue a sua porta. Esse hábito, em determinado momento, é interrompido pela falta desse alimento, fato que desencadeia lembranças no narrador sobre a figura de um padeiro. A partir desse momento, a progressão temática e sua manutenção são iniciadas e seguem uma linearidade. Nesse texto Rubem Braga determina a importância do trabalho executado por um ser que se intitula ‘ninguém’, abordando traços de uma cultura que, muitas vezes, é negligenciadora. Por ser uma crônica (gênero), pode comungar várias sequências, e nesta a narrativa impera, o que justifica o elemento aqui chamado de narrador.

Não se percebe, por fim, o mecanismo da intertextualidade, ou seja, a relação com outros textos.

Texto 2: Notícia intitulada ‘Chile desiste de participar de pacto pela imigração da ONU’.

- Sobre o gênero

#### O gênero notícia divulga

[...] informações sobre um acontecimento, considerado, por quem publica, importante ou interessante para ser mostrado a determinado público. Sobre esse fato são observadas, entre outras, as seguintes características, para se definir se ele é ou não é notícia: ineditismo, atualidade, veracidade e o potencial, importância ou interesse que ele pode ter para uma dada parcela da sociedade (FARIA e ZANCHETTA, 2005, p.26).

*“O Chile anunciou neste domingo (9) que não participará da conferência da ONU no Marrocos para selar o pacto de imigração.*

*A conferência intergovernamental ocorre nesta segunda (10) e terça (11) em Marrakech. Segundo o Ministério do Interior chileno, pontos do documento ‘não se aplicam’ à política do país.”*

Nesse primeiro trecho acima, as expressões adverbiais situam os fatos num eixo temporal. Percebe-se na oração ‘que não participará da conferência da ONU’ a conexão por complementação do verbo *anunciou*. Novamente se tem o papel de um advérbio como referência, agora indicando lugar. ‘Para selar o pacto de imigração’ marca o que Antunes (2005) chama de conexão indicadora de finalidade. No segundo parágrafo a conexão está evidente na passagem ‘Segundo o Ministério do Interior chileno’ e expõe a relação de conformidade com o que se afirma na sequência.

*“O termo, chamado de Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular, foi aprovado pelos 192 Estados-membros – exceto os EUA-, com apoio da Assembleia Geral, em 13 de julho. Na ocasião, o secretário da ONU, António Guterres, chamou o documento de conquista significativa.*

*Os objetivos do documento preveem que o migrante que estiver irregular no país não poderá ser deportado imediatamente – terá o caso analisado individualmente. O texto diz ainda que ele terá acesso a Justiça, saúde, educação e informação. O pacto proíbe também deportações coletivas e discriminação na análise sobre a permanência ou não do migrante no país. E recomenda que a detenção de migrantes seja o último recurso. Os países também vão analisar dados e benefícios da migração e a contribuição dos migrantes ao desenvolvimento.”*

A expressão ‘O termo’, que inicia esse segundo trecho, reativa por substituição o substantivo ‘pacto’ aparente no lide. O vocábulo ‘documento’ também faz associação com o mesmo substantivo e tem em ‘conquista significativa’ um substituto situacional, conforme o conceito de Antunes (2005). Na sequência são avistadas duas coesões por conexão: uma por complementação do verbo ‘preveem’ e outra por delimitação do termo migrante.

A palavra ‘texto’ determina a coesão por substituição em relação a ‘documento’; nesse mesmo espaço opera-se novamente a complementação com a oração ‘que ele terá acesso a Justiça, saúde, educação e informação’. ‘O pacto’ é um procedimento de repetição, evidenciando a manutenção temática. A conjunção ‘E’ imprime o conceito de adição, revelando o montante das ações executadas e, mais uma vez, insere-se uma informação nova pelo recurso da complementação em ‘que a detenção de migrantes seja o último recurso’. Por fim, ‘os países’ estabelece nexos com todas as nações envolvidas no evento em discussão, representado o que Koch (2008) chama de ativação ancorada.

*“Assim, o texto, que não é vinculante (sem força de lei), foi considerado agora pelo Chile, assim como fizeram os EUA em dezembro de 2017, ‘ameaça à soberania’.*

*Em comunicado, o governo Sebastián Piñera informou que ‘decidiu não participar das reuniões em Marrakesh e deixar claro que as diferenças são como o pacto’.*

*A ONU diz que há mais de 258 milhões de imigrantes no mundo, e esse número deve crescer nos próximos anos. Desde 2000, pelo menos 60 mil deles morreram tentando entrar em outro país.”*

Tem-se a repetição do léxico ‘texto’, o qual é, em seguida e por conexão, justificado pela oração ‘que não é vinculante’. Há dois advérbios temporais nesse espaço textual: *agora* e *em dezembro de 2017*, respectivamente relacionados às condutas de Chile e EUA. ‘Ameaça à soberania’ é uma substituição situacional de ‘texto’ e insere um valor opinativo a respeito do termo substituído.

O segundo parágrafo do excerto analisado inicia-se com uma perspectiva de conexão por modo com a expressão ‘Em comunicado’; o encadeamento sequente revela uma complementação de ‘informou’ e ‘deixar claro’, passagens interligadas pelo traço de somatória da conjunção ‘e’.

Encerra-se esse trecho de análise com outra conexão complementar (que há mais de 258 milhões de imigrantes no mundo), seguida de uma anáfora - retomada de ‘258 milhões’ pelo pronome ‘esse’ acompanhado da palavra ‘milhões’, procedimento que, junto ao advérbio ‘próximos anos’, revela um cenário alarmante acerca da imigração. O termo ‘imigrantes’ é retomado também por anáfora pelo pronome *eles* na contração ‘deles’, igualmente associado a uma referência temporal (Desde 2000).

*“Após a conferência do Marrocos, o documento voltará à Assembleia Geral da ONU para aprovação dia 19.*

*Para o subsecretário de interior do Chile, Rodrigo Ubilla, o país, que abriga 155 mil haitianos e 200 mil venezuelanos, considera o acordo ‘uma camisa de força’.*

*O presidente do Brasil, Michel Temer, que deixa o cargo dia 1º, desistiu de ir à cúpula. Não está claro se o novo governo aderirá ao pacto.”*

A finalização da notícia conta com uma expressão de temporalidade (Após a conferência do Marrocos) introduzindo uma informação nova, a qual está embasada também na repetição dos norteadores temáticos (tópicos) ‘documento’ e ‘Assembleia Geral da ONU’.

‘País’ configura uma substituição de ‘Chile’; ‘acordo’ refere-se às decisões acertadas sobre a imigração. Esse texto é encerrado com uma substituição lexical de valor situacional na colocação ‘uma camisa de força’, que agrega a opinião do Chile sobre o pacto pela imigração.

Em relação aos demais níveis de análise sugeridos por Antunes (2010), o universo de referência diz sobre uma notícia publicada em jornal de grande credibilidade, a Folha de S. Paulo, no dia 10 de dezembro de 2018, ano 98, nº 32.758, p. A16. O texto concentra-se no domínio dos não literários, em que o propósito é a informação objetiva sobre uma dada unidade temática, que neste caso aborda um acordo da ONU sobre a imigração. A progressão temática é construída sempre com novas informações referentes a termos retomados, quase todos os parágrafos contêm conexões por complementação, o que confere, portanto, a manutenção e progressão do tema.

Por ser uma notícia, esta se constitui predominantemente da sequência narrativa e, por meio do léxico, deixa transparecer de modo sutil alguns traços da tipologia dissertativa. Não se observa relação com outros textos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, houve o propósito de valorar os elementos do interior do texto, ou como expõe Koch (1997), os da superfície textual. É evidente que a interpretabilidade exige muitos outros mecanismos a fim de que se efetue a compreensão, a citar o chamado contexto comunicativo, visto como um 'cenário abstrato' no qual está inserido um vasto número de elementos, tais como os papéis autor/leitor, o modo como a linguagem é usada, a intenção comunicativa, entre outros. Tudo isso compõe o já mencionado conhecimento prévio, fator determinante para a percepção de qualquer informação centralizada em um dado texto.

A ideia de que o sentido não está no texto, mas se constrói num processo de interação, como já afirmaram Koch e Elias (2008), é verdadeira. No entanto também é verdade não ser possível negligenciar os fatores linguísticos, pois eles permitem a expressão do pensamento por meio da palavra. A correção gramatical não é a única condição para o bom texto, mas é uma delas e tem papel significativo na produção textual.

Interpretar requer estratégias, e o leitor deve assumir uma postura ativa no processo de interação com o texto. O conhecimento linguístico oferece perspicácia para reconhecer os movimentos de remissão e sequenciação, ou seja, capacita para construir e entender aquilo que edifica um texto: a continuidade.

A reflexão sobre as teorias e a contemplação das diferentes abordagens de teóricos envolvidos com o tema coesão foram relevantes para a aplicação dos conceitos obtidos no corpus selecionado.

Na primeira análise, perceberam-se muitos dos procedimentos e recursos descritos no quadro de Antunes (2005). A repetição, como procedimento da reiteração, foi bastante usada; no primeiro momento do texto, a conexão pelo 'mas' concedeu à narrativa um direcionamento decisivo para a progressão temática. Aliadas a isso estão as outras abordagens linguísticas, como substituição e elipse. Essa alternância no emprego dos recursos conferiu ao texto um conjunto de possibilidades para que acontecesse tanto a manutenção quanto a progressão do tema, confirmando o parecer de que 'sem gramática não se faz um texto'. O emprego da associação, neste texto, ocorreu de modo muito sutil.

O segundo texto apresentou uma sequenciação mais padronizada, em que os advérbios foram muito expressivos e as conexões por complementação, bem recorrentes. Isso se deve ao gênero notícia, que - por se tratar de um texto informativo - exige uma progressão mais evidente e uma contextualização temporal mais definida.

Em ambos os textos não foi percebida a substituição por sinônimos. Como afirmou Antunes (2005), esse fato é menos recorrente devido às exigências dos propósitos comunicativos; palavras podem revelar identidades de sentido em um dicionário, mas, atuando no texto, talvez não se adequem.

Feitas as duas análises, comprovou-se o papel da coesão como um mecanismo promotor da coerência.

É determinante que, conforme citou Antunes (2005, p.191), a coesão não seja vista como “um mero dispositivo formal da superfície do texto”, ela é mais que isso, tem raízes profundas. Os processos de coesão organizam o texto e constituem padrões formais para transmitir o sentido. Conectores colocam em evidencia as várias relações de sentido existentes nos enunciados.

Portanto, ao reconhecer o valor, por exemplo, das relações de finalidade, comparação, alternativa ou outras quaisquer, o leitor está pronto para fazer deduções e caminhar junto ao texto, no intuito de extrair dele os mais diversos posicionamentos e garantir que a luta com palavras nunca seja vã, conforme expressa Antunes (2005).

Entende-se que a reflexão acerca da coesão como um recurso viabilizador dos sentidos requer maiores posicionamentos e novas visões comparativas. Desse modo, trata-se de um campo aberto a outras pesquisas e olhares diferenciados.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, CARLOS D., Da utilidade dos animais; In: BRAGA, RUBEM; ANDRADE, CARLOS D; SABINO, FERNANDO; CAMPOS, PAULO M.; Crônicas. 13ª ed. São Paulo: Ática, 2011.
- ANTUNES, IRANDÉ. Lutar com Palavras: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ANTUNES, IRANDÉ. Análise de Texto: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editora, 2010.
- CAMPOS, PAULO M, Automóvel: Sociedade Anônima; In: BRAGA, RUBEM; ANDRADE, CARLOS D; SABINO, FERNANDO; CAMPOS, PAULO M.; Crônicas. 13ª ed. São Paulo: Ática, 2011.
- DINIZ, DÉBORA, Sim à pesquisa: um falso problema; In: FARACO, CARLOS A.; MANDRYK, DAVID; Língua portuguesa: prática de redação para estudantes universitários. 12ª edição. Pretópolis: Vozes, 2008, p.55.
- FARACO, CARLOS; MOURA, FRANCISCO. Gramática. Programa do Livro-Texto 100. São Paulo: Ática, 2006.
- FARIA, M. A.; ZANCHETTA JR., J. Para ler e fazer o jornal na sala de aula. 2ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- FÁVERO, LEONOR L. Coesão e Coerência Textuais. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1998.
- GARCIA, OTHON M. Comunicação em Prosa Moderna: Aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 27ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- KOCH, INGEDORE. V., A Coesão Textual. 11ª ed. São Paulo: Contexto, 1999.
- KOCH, INGEDORE. V., Introdução à linguística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, INGEDORE. V., ELIAS, VANDA M., Ler e compreender: os sentidos do texto. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOCH, INGEDORE. V., O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 1997.
- MARCUSCHI, LUIZ A. Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOISÉS, Massaud. A criação literária. São Paulo: Cultrix, 2006.

RETRATO DO BRASIL; A história do leite em pó no Brasil; ; In: FARACO, CARLOS A.; MANDRYK, DAVID; Língua portuguesa: prática de redação para estudantes universitários. 12ª edição. Pretópolis: Vozes, 2008, p.98.

SABINO, FERNANDO, Com o mundo nas mãos, In: BRAGA, RUBEM; ANDRADE, CARLOS D.; SABINO, FERNANDO; CAMPOS, PAULO M.; Crônicas. 13ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

SAVIOLI, FRANCISCO P.; FIORIN, LUIZ J., Para Entender o Texto: Leitura e Redação. 16ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

SETTE, GRAÇA; TRAVALLHA, MÁRCIA; STARLING, ROZÁRIO. Português: Linguagens em Conexão. São Paulo: Leya, 2013.

TRAVAGLIA, LUIZ C. Gramática e Interação: Uma Proposta para o Ensino de Gramática. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ZAKABI, ROSANA; CAMARGO, LEOLELI. Eles são gêmeos idênticos, mas, segundo a UnB, este é branco e este é negro e... Revista Veja, ed. 2011, 6/6/2007, São Paulo, p. 82 a 88.

## ANEXOS

### Texto 1

#### O padeiro

Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer o café e abro a porta do apartamento – mas não encontro o pão costumeiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre ‘greve do pão dormido’. De fato não é bem uma greve, é o lockout, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o que do governo

Está bem. Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

- Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o mais uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?

“então você não é ninguém?”

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era: e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: “não é ninguém, não senhora, é o padeiro”. Assim ficara sabendo que não era ninguém...

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda que menos importante. Naquele tempo eu também, como os padeiros, fazia o trabalho noturno. Era pela madrugada que deixava a redação de jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina – e muitas vezes saía levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como o pão saído do forno.

Ah. Eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou no notas

que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar, e dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre; “não é ninguém, é o padeiro!”.

E assobiava pelas escadas.

Autor: Rubem Braga

Livro: Para gostar de ler, Vol. I - Crônicas, Editora Ática, São Paulo, 1989.

Texto 2

### **Chile desiste de participar de pacto pela imigração da ONU**

O Chile anunciou neste domingo (9) que não participará da conferência da ONU no Marrocos para selar o pacto de imigração.

A conferência intergovernamental ocorre nesta segunda (10) e terça (11) em Marrakech. Segundo o Ministério do Interior chileno, pontos do documento ‘não se aplicam’ à política do país.”

O termo, chamado de Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular, foi aprovado pelos 192 Estados-membros – exceto os EUA-, com apoio da Assembleia Geral, em 13 de julho. Na ocasião, o secretário da ONU, António Guterres, chamou o documento de conquista significativa.

Os objetivos do documento preveem que o migrante que estiver irregular no país não poderá ser deportado imediatamente – terá o caso analisado individualmente. O texto diz ainda que ele terá acesso a Justiça, saúde, educação e informação. O pacto proíbe também deportações coletivas e discriminação na análise sobre a permanência ou não do migrante no país. E recomenda que a detenção de migrantes seja o último recurso. Os países também vão analisar dados e benefícios da migração e a contribuição dos migrantes ao desenvolvimento.

Assim, o texto, que não é vinculante (sem força de lei), foi considerado agora pelo Chile, assim como fizeram os EUA em dezembro de 2017, ‘ameaça à soberania.

Em comunicado, o governo Sebastián Piñera informou que ‘decidiu não participar das reuniões em Marrakesh e deixar claro que as diferenças são como o pacto’.

A ONU diz que há mais de 258 milhões de imigrantes no mundo, e esse número deve crescer nos próximos anos. Desde 2000, pelo menos 60 mil deles morreram tentando entrar em outro país.”

Após a conferência do Marrocos, o documento voltará à Assembleia Geral da ONU para aprovação dia 19.

Para o subsecretário de interior do Chile, Rodrigo Ubilla, o país, que abriga 155 mil haitianos e 200 mil venezuelanos, considera o acordo ‘uma camisa de força.

O presidente do Brasil, Michel Temer, que deixa o cargo dia 1º, desistiu de ir à cúpula. Não está claro se o novo governo aderirá ao pacto.

Folha de S. Paulo, 10/12/2008.